

MULHERES, AUTOEMPREGO E PRECARIZAÇÃO NO CONTEXTO CUBANO

WOMEN, SELF EMPLOYMENT AND CASUALIZATION IN THE CUBAN CONTEXT

Maria Izabel Machado*
Marlene Tamanini**

RESUMO

A atualização do modelo econômico cubano vem produzindo mudanças que impactam diferentemente homens e mulheres, como a regulamentação de novos agentes econômicos. Nas relações de trabalho fortemente influenciadas por essas medidas, assiste-se à significativa elevação do autoemprego ou cuentapropismo, forma de trabalho autônoma, alternativa aos baixos salários do setor público e às cooperativas rurais. Não obstante a recente regulamentação desse setor, muitos não o acessam em função dos elevados custos para a obtenção de licenças, constituindo um mercado submerso pelo qual circulam mercadorias e trabalhadores à margem dos direitos e da legalidade. As cadeias produtivas que se estabelecem corroboram para a manutenção das mulheres em papéis essencializados, transformando seu trabalho em ajuda familiar, nem sempre remunerada. Tal análise se processa empiricamente através de observação participante e entrevistas em profundidade, realizadas durante o primeiro semestre de 2015 na província de Holguín, como parte de pesquisa de doutorado em andamento.

Palavras-chave: Mulher, Trabalho. Precarização.

ABSTRACT

The update of the Cuban economic model has produced changes that impact men and women differently, as the regulation of new economic agents. In labor relations strongly influenced by these measures are witnessing significant increase in self-employment or cuentapropismo, form of autonomous work, alternative to low public sector wages and rural cooperatives. Despite the recent regulation of this sector many do not access due to the high costs for obtaining licenses, constituting a market submerged by which circulate goods and workers on the margins of rights and legality. The supply chains that are established corroborate the maintenance of women in roles essentialised transforming his work in family care, not always paid. Such an analysis is carried empirically through participant observation and in-depth interviews carried out during the first half of 2015 in the province of Holguin, as part of doctoral research in progress.

Keywords: Women. Job. Casualization.

INTRODUÇÃO

Desde a publicação em 2011 dos Lineamentos da Política Econômica e Social¹ do partido comunista cubano, estão em curso algumas medidas de atualização do modelo econômico, expressão utilizada por economistas da ilha referindo-se ao

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR, com doutorado sanduíche na Universidade de Holguín-Cuba. E-mail: izabelpjmp@gmail.com

** Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR.

¹ Disponível em: < <http://www.cuba.cu/gobierno/documentos/2011/por/1160711p.html>>. Acesso em: 08 mar 2016.

conjunto de diretrizes estatais voltadas à otimização dos recursos e à dinamização da economia. Entre os destaques está a abertura a investimentos da iniciativa privada, incluindo formas de empregabilidade como o *cuentapropismo* ou autoemprego. Esta tem sido uma modalidade de trabalho crescente entre os cubanos, tendo em vista as possibilidades de retornos financeiros bastante atraentes se comparada às ocupações estatais.

As reflexões em torno dessa modalidade de trabalho em Cuba têm exigido esforço analítico no sentido de apreender as idiossincrasias próprias desse contexto. Não se trata de associar o *cuentapropismo* mecanicamente ao trabalho no setor informal, o que no contexto latino americano significa comumente precarização, tampouco de apontar esta como a melhor alternativa frente à redução de postos no aparato estatal conforme previsto nos lineamentos. Mesmo o governo cubano já se deu conta das possibilidades e dos riscos dessa modalidade de trabalho: se por um lado dinamiza e economia, por outro, pode ser a porta de entrada para a desigualdade de renda e condições de vida da população.

No entanto, a dinâmica de algumas práticas sociais tem apontado exatamente para a direção que se queria evitar: a exploração do trabalho por parte dos que obtiveram as licenças necessárias como *cuentapropistas* e possuem algum capital para investir. O alto custo das licenças e os morosos processos burocráticos para obtê-las faz com que muitos trabalhadores se vejam impelidos a trabalhar como subcontratados dos devidamente licenciados. Referimo-nos, especificamente, a mulheres artesãs que trabalham em condições precárias e não têm autorização para produzir ou comercializar, repassando o que produzem a atravessadores.

A cadeia produtiva que se estabelece nesse contexto coloca as mulheres em posição de extrema vulnerabilidade social. Trabalham de forma ilegal, não usufruem de qualquer estabilidade ou proteção sindical e estão fora do sistema de proteções sociais, sobretudo do previdenciário. Este artigo pretende, portanto, percorrer a partir de evidências empíricas parte dos caminhos pelos quais se estabelece a rede que tem contribuído para a precarização e vulnerabilização do trabalho feminino. Procuramos, ainda, analisar as maneiras como a essencialização do cuidado tem informado os arranjos e estratégias adotados por mulheres não apenas para a geração de renda, mas para a reprodução da vida como um todo.

O material empírico foi obtido através das técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas na Província de Holguín, oriente da ilha, na capital de mesmo nome, a cidade de Gibara e a praia de Guardalavaca, pertencente ao município de Banes, durante os meses de janeiro e maio de 2015 como parte das pesquisas para doutorado em andamento².

O artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, são apresentadas algumas características do autoemprego ou *cuentapropismo* e o lugar que ocupa essa modalidade de trabalho no contexto cubano. Na segunda seção, a partir de dados empíricos são apresentadas algumas relações e redes que se tecem a partir da produção artesanal na Província de Holguín. Por fim, na terceira seção, apresentamos mais especificamente dados acerca do trabalho feminino e os arranjos necessários para geração de renda e reprodução da vida.

I CENÁRIOS PARA O MUNDO DO TRABALHO

² Projeto MÊS/CUBA, com financiamento via CAPES.

Dentre as medidas previstas para a atualização do modelo econômico cubano, está o reordenamento do aparato estatal com o conseqüente enxugamento de pessoal e a emergência de novos agentes econômicos. Os cenários para o mundo do trabalho se dispõem em três frentes principais: empregos públicos, cooperativas agrícolas e o cuentapropismo ou autoemprego. Esta última vertente sobre a qual nos deteremos se encontra em larga expansão e é onde estão alguns dos desafios a serem enfrentados pela sociedade cubana: para maior dinamismo nas relações econômicas enfrenta-se o risco de que essas formas de iniciativa privada se convertam em porta de entrada para desigualdades sociais em função da diferença de rendimentos entre setores da população.

Mesmo com as mudanças promovidas pela Revolução de 1959, o autoemprego coexistiu com outras formas de empregabilidade especialmente em áreas urbanas. O perfil desses trabalhadores, contudo, sofreu importantes mudanças desde então. Se antes se restringia a indivíduos com baixos níveis de instrução e qualificação, com renda equiparada aos demais operários, atualmente, não é raro encontrar profissionais com alta qualificação em atividades diferentes de sua área de formação motivados, sobretudo pelos altos retornos financeiros se comparados aos empregos públicos. Em comum aos diferentes momentos históricos está o fato de que essa forma de trabalho tem sido uma alternativa buscada por muitos trabalhadores, antes como complementação da renda, atualmente como principal fonte de ingressos. Um profissional formado em Educação Física relatava: “as pessoas perdem tempo trabalhando... enquanto trabalhava para o Estado ficava preso oito horas e ganhava 400 pesos por mês [equivalente a 16 dólares], se crio e vendo um porco ganho 450 pesos”.

Entre as causas para a expansão do cuentapropismo a socióloga cubana Lilia Moreno explica:

La constante reproducción de los trabajadores por cuenta propia en el sistema socialista, y por supuesto en Cuba, fue una consecuencia de las deformaciones en el funcionamiento de la economía planificada, por el desequilibrio entre la demanda y la oferta de mercancías y servicios, entre las necesidades y los recursos financieros acumulados por la población que con el tiempo fueran haciéndose cada vez más desproporcionados. Finalmente la pérdida del dinamismo de la generación del empleo estatal que se hizo crítica a partir de 1990, hace que un gran número de personas se inserte en condiciones laborales distintas de las que funcionaran en los veinte años anteriores. (MORENO, 1997, p. 45)

Em 1993, quando a legislação sobre essa modalidade de trabalho sofreu alterações, não se permitia a contratação de trabalhadores que não fossem familiares do licenciado, tipificando autoemprego (propriedade privada simples sem contratação de força de trabalho remunerada). Já em 2012, essa regra caiu e não apenas se permitia como se passou a exigir contratações remuneradas permanentes de acordo com a legislação, que prevê, por exemplo, que o salário deveria seguir o piso nacional de cerca de 400 CUP (16 dólares). Esses aspectos deslocariam essa configuração de autoemprego para propriedade privada não simples (com contratação de força de trabalho remunerada permanente).

Medidas para conter o avanço indiscriminado do cuentapropismo foram tomadas tais como a tributação de acordo com os rendimentos, mas se mostraram insuficientes na contenção da expansão dessa modalidade de emprego. O setor alimentício, por exemplo, é o que concentra o maior número de trabalhadores registrados. Os “paladares” (pequenos restaurantes ou cafeterias) têm se constituído em um segmento de altos ingressos, alta possibilidade de consumo e nível de vida com possibilidades efetivas de acumulação. O salário médio dos trabalhadores nesse setor chega a ser três

vezes maior que os praticados nos serviços públicos. Um trabalhador contratado por um cuentapropista exige como mínimo um valor de 50 CUP diários (cerca de 2 dólares), que ao final do mês correspondem a aproximadamente 1200 CUP (48 dólares), enquanto a média do setor público é de 400 CUP mensais (16 dólares).

No outro extremo, estão os trabalhadores que possuem poucas condições para investimentos iniciais, baixa qualificação e localização desfavorável em relação à capital Havana ou aos polos turísticos litorâneos. A produção artesanal, como uma das 157 formas previstas em lei para o cuentapropismo, aproxima-se mais desse extremo. Um dos elementos que deve ser considerado na compreensão do lugar ocupado pelos artesãos está relacionado ao papel dos atravessadores que compram a produção dos não licenciados e revendem com altas margens de lucro.

A migração é outro fator importante em relação a essa modalidade de trabalho, em especial nos centros urbanos. O baixo retorno financeiro da agricultura e a consequente desvalorização das profissões agrícolas têm produzido além da redução, a masculinização e o envelhecimento da população rural:

El debilitamiento de la base agrícola de la nación se asocia a la pérdida de oportunidades para los residentes en zonas rurales y alejadas de los principales centros económicos, con especial énfasis para las mujeres, que generalmente experimentan una mejor movilidad debido a los lazos familiares. (PÉREZ, 2013, p. 33)

As mulheres e os jovens estão saindo do campo em direção às cidades mais urbanizadas e aos polos turísticos. Há ainda um número crescente de famílias que permanecem nas áreas rurais, mas não produzem nem mesmo para o autoconsumo, vivendo de rendas diversas que não a agricultura.

Este contexto observado empiricamente em pequena escala reflete desdobramentos da atualização do modelo econômico como um todo. No tocante ao redimensionamento do setor estatal, os números são eloquentes: em 2012, o emprego público teve redução de 5,7% ao passo que o não estatal cresceu 23%. No fim deste mesmo ano, havia 394.867 trabalhadores por conta própria registrados apenas na cidade de Havana. Deste total 69% não possuíam vínculo laboral prévio e 16% eram aposentados (VILLANUEVA, 2013).

Mesmo com sua rápida e significativa expansão não há dados sólidos quanto ao impacto das pequenas empresas na economia como um todo. Ainda que o Estado siga como o principal contratante da força laboral, esse setor tem crescido vertiginosamente, não obstante a ameaça ao modelo econômico cubano que tenta limitar as distâncias entre classes sociais. As preocupações justificam-se: o aluguel de quartos a estrangeiros, por exemplo, custa em média 20 dólares ao dia, tomar um carro de aluguel até uma das praias (cerca de 30 km) não custará menos de 5 dólares por ocupante, de modo que os que conseguem adentrar esse circuito distanciam-se drasticamente da maioria da população com renda média de 16 dólares ao mês.

Além disso, o aumento de cuentapropistas ao longo dos anos aponta para um processo de domesticação do trabalho (FERNÁNDEZ, 2013, P. 122), para o qual ainda não há soluções concretas, e que no fundo implica em formas de precarização do trabalho, ou o aumento do emprego vulnerável. A ilusão de fazer o próprio horário trabalhando em casa converte-se efetivamente em jornadas extensas nas quais, sobretudo para as mulheres, o tempo do descanso e do lazer é transformado em maior produção para maiores ingressos. O número de licenciados por sexo reforça essa afirmação: 74% dos cuentapropistas são homens. Se, por um lado, fica evidente que as mulheres estão mais distantes da regulamentação das atividades e dos consequentes benefícios, por outro lado, se invisibiliza todo trabalho realizado no âmbito doméstico,

tarefas realizadas em geral pelas mulheres e tomadas como ajuda familiar não remunerada.

Mesmo ainda não sendo a principal frente de ocupação laboral, o setor privado vem crescendo e ditando o ritmo das mudanças nas relações de trabalho. A cadeia produtiva que se constrói no sistema privado tem na contratação de força de trabalho um dos elos mais vulneráveis do ponto de vista dos trabalhadores. Desdobrando-se em vários níveis, desde o uso de mão de obra familiar até formas de subcontratação, expondo, por um lado, a necessidade emergencial de geração de renda e, por outro, níveis de exploração do trabalho que arriscamos dizer seriam similares às sociedades de modelo capitalista.

II QUEM FAZ ARTE E QUEM VENDE ARTESANATO

Para o levantamento das cadeias que se estabelecem entre a produção de artigos artesanais e a comercialização, foram visitados alguns bazares e feiras de artesanato no centro de Holguín, capital da província e nas praias de Gibara e Guardalavaca, polos turísticos de alta circulação. Foram visitados oito espaços entre bazares fixos, feiras e bancas, realizando entrevistas em profundidade com alguns trabalhadores (7 mulheres e 1 homem). Entre os elementos de destaque estão a invasão de produtos chineses, as cadeias que se estabelecem entre produção e comercialização dos produtos e as relações de trabalho, especialmente no tocante à utilização de mão de obra familiar.

Durante as pesquisas de campo, foi se demarcando uma diferenciação entre artesãos e cuentapropistas. Não apenas de nomenclatura, mas de status e também de oportunidades. Em um dos bazares de Holguín, quando perguntei a um dos vendedores que também era quem produzia as peças se era ligado à ACA (Associação Cubana de Artesãos e Artistas) disse: “La Aca es un privilegio para pocos, ellos ponen quién quieren” (Reinar, cuentapropista), referindo-se especialmente à corrupção nos processos de filiação à associação.

Considerar-se artesão não é apenas um dado subjetivo, a ACA reúne artistas de formação acadêmica e “empíricos” que, segundo um de nossos informantes, são artistas que não passaram pela academia, mas que dominam algum tipo de arte. Ser membro da Aca além de estabelecer um status diferenciado proporciona vantagens como a possibilidade de comercializar na praia de Guardalavaca, por exemplo, que é um dos principais polos de turismo internacional do país. Os preços praticados são inclusive bastante distintos, o mesmo artigo encontrado em Holguín pode ter seu valor triplicado se comprado em Guardalavaca.

O processo de ingresso na Aca, segundo outro informante este sim ligado à Aca, é longo e bastante seletivo. Há uma etapa de “aspirantado” sem tempo determinado, mas em geral nunca inferior a um ano. Nesta etapa, o candidato precisa expor seu trabalho sem comercializar em eventos indicados pela Associação, sendo necessário diversificar os produtos a serem expostos. O trabalho precisa ser original, inovador e artístico. São feitas avaliações constantes, entre elas uma “en vivo”, que consiste na visita ao atelier ou oficina por uma banca avaliadora que entre outras coisas precisa ver o artesão atuando, produzindo algo. Uma vez aprovado, o candidato passa a fazer parte da Associação para a qual paga uma taxa simbólica e pode então filiar-se a outra associação, o Fundo de Bens Culturais que é o órgão responsável pela comercialização.

Os dois artesãos que entrevistamos (Gelacio que trabalha com madeira e Santa com crochê), fazem parte da Aca, apresentam-se como artistas e seus trabalhos como arte, fazendo uma distinção entre arte e mercadoria. Aqui se estabelece uma hierarquia que não apenas é revertida em maiores possibilidades de ingressos, mas também

estabelece lugar social. Para Gelacio, a diferença entre eles é que uns apenas vendem, eles criam. A peça em madeira que criou e que assegurou seu ingresso na associação foi um bicitaxi, bicicleta adaptada para levar passageiros, bastante utilizada em Cuba:

el bici represento mucho para mí, fue mi salvación en anos difíciles, el bicitaxi salvo mi vida y de mi hijo, porque realmente lo que ganaba en la fábrica donde trabajaba no alcanzaba ni as veces para comprar un litro de leche.

Gelacio teve sua bicicleta exposta em vários eventos, recebendo inúmeras propostas de compra. Relata que estabeleceu um preço muito acima do mercado, exatamente para espantar os compradores, não por apego segundo conta, mas porque não se trata de artesanato e sim de uma obra de arte.

No entanto, quando tivemos acesso aos trabalhos que os dois artistas ligados à Aca vendem na praia foi possível constatar que as peças que comercializam em nada diferem dos artigos encontrados em outros espaços de artesanato feitos por “não-artistas”. Santa tem em sua barraca as mesmas roupas que os demais vendedores, mesmo design, matéria prima, cores, etc. Quando perguntei sobre essa distância entre o trabalho artístico e o comercial a resposta foi simples: “tem que produzir o que vende”, ou nas palavras de Gelacio: “ninguém vive de arte”.

Esse elemento aproxima esses trabalhadores dos agricultores que também estão condicionando a produção de alimentos aos imperativos do mercado. Ainda que queiram produzir outras coisas às pressões do mercado se soma a dificuldade de obter matéria prima.

Entre as pesquisas de campo se incluiu a participação por cerca de dois meses em um curso de crochê oferecido em uma escola estatal. As alunas precisavam providenciar os materiais necessários o que era um desafio à parte, não havia em nenhuma das lojas da cidade agulhas ou fios para as aulas. Uma das alunas conseguiu comprar uma agulha fabricada artesanalmente, mas que dificultava muito o aprendizado devido à má qualidade do material. O mesmo com os fios, o que se encontrava disponível para compra era uma adaptação de fios utilizados para costura. Em uma das aulas a professora tinha alguns para vender: fios usados para amarrar embutidos e restos de lã de roupas desfeitas.

Já o que chamamos aqui de pressão do mercado pôde ser observado em dois espaços centrais em Holguín. Em um deles, onde há grande circulação da população local, é notável a invasão de produtos chineses: roupas, calçados e acessórios. Já onde circulam majoritariamente turistas, os artigos são de produção local. Em outros espaços tipicamente turísticos no litoral, essa invasão é menos ostensiva e está mais presente a produção artesanal sem apresentar, contudo, grande variação nos produtos. Predominam artigos em madeira, couro e bijuterias com sementes e conchas.

Os produtos chineses, especialmente as roupas femininas, são bastante procurados, não obstante os altos preços praticados, considerando o contexto local. Uma blusa feminina de malha, por exemplo, pode variar de 13 a 25 CUC, moeda equivalente ao dólar (importante considerar que o salário mínimo gira em torno de 12 dólares mensais).

Um grupo de artesãs do entorno de Holguín produz roupas artesanais com qualidade superior aos produtos chineses, mas não encontram mercado consumidor para seus produtos entre os cubanos. Produzem para vender aos turistas em Havana a preços entre 6 e 10 CUC por uma camisa feminina. Uma delas dizia: “os cubanos não gostam desse tecido [algodão], preferem o sintético, que são mais caros... os cubanos não sabem comprar” (Odanis, artesã).

A dificuldade encontrada por essas mulheres para comercializar a produção em Holguín está diretamente relacionada com as cadeias que se estabelecem entre produção e venda. Em geral quem vende os produtos não são os artesãos, mas agentes de vendas, como se autodefiniu uma jovem que tinha em sua banca produtos de diferentes tipos e procedências, recebendo uma comissão por produto vendido. A figura do agente de vendas pode ser tomada como uma espécie de atravessador entre produtores e consumidores. Em geral compram antecipadamente dos artesãos por um preço fixo e revendem com a margem de lucro que eles mesmos estabelecem. Em duas incursões diferentes à mesma banca, o mesmo produto sofreu variações significativas de preço, fato recorrente entre outros espaços de comércio de artesanato.

Esse mesmo processo foi verificado em Gibara. Um dos vendedores com quem conversamos compra antecipadamente de quem produz e vende com a margem que lhe convém. Em Guardalavaca, por sua vez, foi onde encontramos o maior número de artesãos que também vendem os produtos. Nesse espaço o Fundo de Bens Culturais organiza uma espécie de rodízio entre os artesãos, cada um vai à praia três vezes por semana em dias alternados a cada semana, o que permite que mais artesãos possam comercializar nesse espaço que é considerado privilegiado do ponto de vista das vendas.

Essa cadeia se estabelece também com as mulheres de Gibara que produzem as roupas artesanais. Apenas uma delas possui a licença e além de ensinar as demais contrata seus serviços informalmente. A licença que possui, além de não permitir a contratação de mão de obra, não permite que comercialize seus produtos em Havana, onde está o principal mercado para esse tipo de produção. É preciso repassar a outra pessoa que possui esse tipo específico de licença. Nesse ponto da cadeia, começa o processo de exploração do trabalho e de acumulação por parte dos atravessadores, que compram a preço fixo das artesãs e revendem em geral triplicando o valor.

Certamente que nessa cadeia há elos mais fragilizados, nem todos os que vendem necessariamente obtêm altos ingressos. Em uma das incursões à Gibara, a compra do artesanato era dificultada porque os vendedores sequer tinham dinheiro suficiente para dar o troco aos clientes e a chegada de um turista atraía outros vendedores dos arredores que assediavam ostensivamente os compradores potenciais. Dispostos a fazer rebaixas nos preços, oferecer brindes e mesmo propondo a troca dos produtos artesanais por itens de higiene e calçados.

Do ponto de vista das relações de trabalho e subsistência, as entrevistas apontaram elementos recorrentes. A produção é predominantemente familiar, um dos membros da família, em geral o homem, obtém a licença e utiliza a mão de obra da esposa e dos filhos para a produção.

Gelacio que trabalha em Guardalavaca, e também se encarrega das vendas, tem a licença de artesão e além de trabalhar com seu irmão na produção encomenda algumas peças de outros trabalhadores que não são considerados artesãos e/ou não têm licença para sê-lo. O mesmo para Santa, que trabalha com crochê na praia de Guardalavaca que tem em seu filho o principal responsável pelas vendas.

Com as mulheres em Gibara há algumas particularidades. Odanis que trabalha com diversas técnicas de artesanato em roupas agrega em torno de si um grupo de aproximadamente 20 pessoas, entre homens e mulheres, todos residentes da mesma comunidade rural. O grupo começou a se reunir a partir da necessidade de gerar renda para os trabalhadores. As condições de vida se tornaram tão adversas que quando perguntamos se os quatro suicídios ocorridos no intervalo de dois anos na pequena comunidade estariam ligados à pobreza uma das mulheres responde: “sim, com certeza”.

Toda a comunidade se envolve na produção de roupas, inclusive os homens. Nenhuma das famílias é proprietária de terras, os homens dependem do trabalho temporário na colheita de alho, que é sazonal. No período de entressafra não têm trabalho e conseqüentemente renda. No caso das mulheres, a localização da comunidade é um complicador, considerando o preço e as dificuldades de transporte até de Holguín ou Gibara.

A participação masculina começou timidamente, como o esposo de Odanis, que ao começar a auxiliar na produção de roupas, pedia que mantivessem a porta fechada para que ninguém o visse fazendo esse trabalho. Em uma de minhas visitas, esse mesmo jovem perguntou que tipo de trabalho artesanal eu fazia, diante de minha negativa sorriu com certo orgulho dizendo que entre outras coisas ele fazia “deshilado”³, e o fazia muito bem. Outros homens quando não conseguem trabalho na agricultura também procuram Odanis para produzir, mas em geral em suas casas.

Quando perguntada como era composta a renda familiar para uma das mulheres de Gibara, respondeu “a gente se defende”, no sentido de que além do crochê e do deshilado nas roupas, faz compotas e doces que seu marido sai par vender de bicicleta. No momento da entrevista não tinha para vender porque não tinham os ingredientes.

De oito entrevistados em profundidade, apenas três relataram possuir licença como cuentapropista, sendo que uma delas, Odanis, possuía um tipo de licença que não autorizava a comercialização, apenas a produção. E era exatamente esta que empregava as mulheres na área rural sendo a principal fonte de trabalho de cerca de 20 pessoas, praticamente todas as famílias da pequena vila rural. No entanto, o contexto de emergência do trabalho por conta própria segue calcado em parâmetros que ignoram as diferentes condições de partida entre homens e mulheres e as diferentes atribuições culturais:

Si bien han identificado mujeres cuentapropistas con un alto grado de empoderamiento y modificación de sus roles familiares, sociales y comunitarios esto no ocurre de forma extendida para todas las que se emplean como trabajadoras asalariadas y de apoyo. Recae en las mujeres una vez más, el apoyo a una actividad económica a nivel familiar, vista como “ayuda familiar no remunerada”, que incluye desde trabajos gratuitos peor pagados para los cuentapropistas, hasta dinámicas familiares en que otras mujeres se hacen cargo de las demandas de cuidado de las personas dependientes de las/los cuentapropistas. (SACHETTI, E. apud LEÓN, 2013, p. 141)

Especialmente sobre as mulheres das áreas rurais recaem mais fortemente as limitações do modelo econômico e de práticas culturais. Uma pesquisadora relatava a respeito de uma camponesa da mesma região das mulheres artesãs que pesquisamos, que esta ao herdar uma vaca pensava em vendê-la para comprar uma lavadora. Quando a venda se efetivou o marido e o filho decidiram comprar um equipamento de som.

Sem capital, sem patrimônio e com redes sociais restritas a ideia de que “a gente se defende” marca a trajetória da maioria das mulheres que entrevistamos e que precisam criar alternativas às longas distâncias e ao transporte caro⁴, aos baixos salários, aos ciclones e às necessidades de conciliar a geração de renda e o cuidado em suas múltiplas formas.

III AS MULHERES E SEUS ARRANJOS

³ Técnica que consiste em desfiar parte do tecido e amarrar os fios que sobraram formando desenhos variados.

⁴ O Estado tem se retirado gradativamente do transporte público deixando a cargo da iniciativa privada que cobra para um circuito de ida e volta da região metropolitana até a capital Holguín cerca de 1 dólar.

Reinventar-se é praticamente um imperativo às mulheres no contexto cubano. Uma economia fragilizada e práticas culturais altamente essencializadoras do feminino impõem a elas exigências cotidianas bastante duras. O acesso à escolarização para as mulheres, ainda que menos difícil se comparado a outros países, não assegura colocação profissional, mesmo quando logram um posto de trabalho as dificuldades para mantê-lo são grandes. Os binários produção/reprodução e a associação direta entre feminino e cuidado não apenas são reproduzidos como reiterados cotidianamente.

As representações do feminino que alimentam as práticas se colocam com um complicador a mais em um contexto em que a sobrevivência já é um desafio por si só. O encurtamento do horizonte para as mulheres campesinas, as políticas de “gênero” e o modo como se estruturam as relações de trabalho expõem parte dos binários e essencializações referidos.

Entre as mulheres de Gibara, na área rural, casar-se cedo ainda é comum. Entre as que trabalhavam na produção de roupas estavam duas jovens de 16 e 19 anos, ambas casadas. Odanis mesmo, que tem formação em direito e atualmente contrata os demais trabalhadores, casou-se aos 14 anos e relata que a própria sogra a motivou a fazer cursos de artesanato frente ao alcoolismo do marido. Casar-se, nesse contexto, significa não seguir com os estudos, adequar-se ao horizonte demasiado estreito das tarefas de casa e algum trabalho extra, considerado ajuda familiar.

Chamou à atenção no relato de uma das entrevistadas as dificuldades encontradas para o controle de natalidade. No período da entrevista, os anticoncepcionais estavam sendo ofertados de maneira irregular nas farmácias. Nas palavras de Yodanis: “um mês tem, outro não”. Quando perguntada se isso se daria em função do bloqueio⁵, lembrou que mesmo no período especial o abastecimento desse tipo de medicamento sempre foi regular. Os abortos, legais em território cubano, acabam sendo uma alternativa nesses casos. Além disso, segundo relatos desta mesma entrevistada, ao procurar estabelecimentos hospitalares para realização de um possível aborto as mulheres estariam sendo submetidas a uma triagem com psicólogos e assistentes sociais que procurariam demovê-la dessa possibilidade.

Entre as explicações dadas pelas outras mulheres que ouviam o relato, estava em tom jocoso o fato de que “as mulheres não querem mais ter filhos”, sugerindo que talvez se tratasse de uma “política de Estado”, frente à baixa natalidade, à saída de cubanos da ilha e a conseqüente redução da população economicamente ativa.

Do ponto de vista jurídico-político, as concepções cubanas de igualdade entre homens e mulheres, conquista da Revolução, são largamente reconhecidas. No entanto, quando precisam ser convertidas em políticas efetivas, essas concepções passam por lentes que seguem sendo alimentadas por noções equivocadas do que seria igualdade de gênero. Odalis que trabalhava na área de saúde pública cursou agronomia para aprender e ensinar mulheres a conservarem sementes e alimentos nos períodos de ciclones. Relata que gostaria de trabalhar mais com mulheres, mas que a APA (Associação de Pequenos Agricultores) não a autoriza a ministrar os cursos se não trabalhar “gênero”. Na concepção da Associação, trabalhar gênero significa ter presentes nos mesmo espaço homens e mulheres. A própria Odalis reconhece que, quando há homens presentes, as mulheres se inibem porque os homens querem sempre “ter razão” e acabam monopolizando a palavra. Esse foi um dos motivos pelas quais Odalis mobilizou sua irmã Odanis a agregar pessoas do entorno para ensinar artesanato. Ainda que alguns

⁵ Na década de 1990 com a queda da URSS Cuba perdeu um importante apoio econômico, condição que somada ao bloqueio imposto pelos EUA impôs um longo período de desabastecimento que marcou violentamente a população cubana e ainda hoje, mesmo com a reaproximação entre os países, não foi modificado substancialmente. Esse período é chamado também de “período especial”.

homens participem, as mulheres são a maioria. De tempos em tempos, reúnem-se para aprender novas técnicas, conversar, ou mesmo fazer um lanche juntas. É um grupo informal, de vizinhança, mas no qual Odalis aproveita para trabalhar questões de gênero sem a interferência de outras instâncias.

Os arranjos necessários no tocante ao trabalho e geração de renda são inúmeros. O caso de Yodanis ilustra parte das estratégias utilizadas por algumas mulheres. Técnica em enfermagem recebia 325 CUP mensais (13 dólares) e realizava turnos de trabalho de 12 horas, precisando muitas vezes pagar transporte especial (caminhões particulares que custam de 10 a 15 CUP por trecho) para chegar em casa à noite. Não obstante as dificuldades e a incompatibilidade entre salário e os gastos necessários para ir até o trabalho, pediu uma licença para atender a filha que passava por dificuldades de aprendizado e teria sido diagnosticada com problemas psicopedagógicos. Não queria desligar-se, mas precisava acompanhar a filha mais atentamente. A licença foi negada sob a justificativa de que faltavam profissionais na área de saúde para cobrir os que saíram do país em missão.

A pressão que sofria no trabalho para dobrar turnos, o dinheiro insuficiente e a culpa que sentia por não estar presente nos primeiros anos escolares da filha a colocaram em um estado de permanente estresse e tensão:

mi hija empezó el pre escolar que al diario era una letra y un número... este tiempo no pasé con ella, estaba que me tenía que levantar temprano y no podía estar con ella [...] por la insistencia de los profesores la tuve que llevar ao psiquiatra, que fue cuando me apretó más el trabajo.

Yodanis relata por várias vezes que gritava muito em casa, com todos, e como o marido reagiu: “tienes que decidir tu vida, porque te vamos a perder”. Diante disso largou o trabalho como enfermeira e começou a trabalhar com as roupas artesanais:

por parte me arrepiendo, es una carrera linda, limpiecita, pero siento como que... la recompensa es que en este momento estoy dedicando el tiempo que lleva mi niña, estoy en mi casa, me siento más recompensada conmigo misma, uno vive por los hijos. [...] ahora mientras yo me defiendo con el deshilado no tengo ganas de regresar.

Os casos acima não são isolados, cada uma das mulheres entrevistadas se viu em algum momento obrigada a fazer arranjos para garantir a sobrevivência. Entre os desafios está a elevação do patamar de renda para mulheres, que embora legalmente protegidas contra diferenças salariais têm culturalmente o acesso restringido a postos de melhor remuneração.

Quando se trata, por exemplo, de decidir por uma promoção ou sobre quem será desligado no serviço público um dos critérios adotados é de “idoneidade”. Além de altamente subjetivo está impregnado de estereótipos, preconceções e essencializações em torno do feminino:

En entrevistas exploratorias realizadas por estudiantes de 3er año de Sociología, como parte del taller VI en un grupo empresarial se recogieran algunos ejemplos de estos estereotipos, luego de un discurso formal: “[...] aquí lo que decide quién se queda o quién queda disponible son sus resultados de trabajo y si responde a los intereses de la organización”. Al continuar indagando, y en marcos menos formales, los entrevistados manifestaran ejemplos de estereotipos que relacionan efectividad/desempeño con atributos individuales: “[...] una mujer joven, queriendo salir embarazada y tener hijos no puede ser considerada como apta para un puesto de especialista principal”, “[...] una mujer mayor no queda bien como recepcionista”, “[...] un gay no es serio para asumir un cargo de dirección ni de comercial en este sector”. (LEÓN, 2013, p. 138)

Para as mulheres o trabalho por conta própria poderia se converter em um arranjo possível que permitiria conciliar a necessidade de gerar renda com outras tarefas:

Las mujeres muestran un ritmo de crecimiento mayor que el masculino en este tipo de empleo (aunque son más hombres que mujeres los empleados como trabajadores por cuenta propia), es de hecho una oportunidad para que las mujeres reciban ingresos y al mismo tiempo se mantengan cerca o dentro del hogar y den respuesta a necesidades de cuidados a familia. (FERNÁNDEZ, 2013, p. 122)

O que se tem discutido é a necessidade de observar as brechas existentes entre homens e mulheres. Exige-se uma licença especial para esse tipo de trabalho, que implica no pagamento de impostos sobre a venda de bens e serviços, sobre a utilização de força de trabalho, pagamento da seguridade social e imposto sobre renda pessoal. Esse conjunto de medidas tributárias em vigor desde 2012 converte-se efetivamente em um impedimento para a formalização do trabalho de muitos, em especial das mulheres artesãs. O que se vê mais comumente é que um trabalhador obtém a licença e passa a subcontratar, “por fuera”, outros trabalhadores. Os valores pagos para obter as licenças e os altos impostos inibem a busca dessa formalização por parte das mulheres, que precisam criar arranjos dentro deste que já é um arranjo:

Se mantienen a las mujeres en su rol reproductivo, como cuidadoras y administradoras del hogar, y las sitúan con frecuencia como ayuda familiar no remunerada en el ámbito agrícola. Otro tema que puede incidir en su insuficiente participación se relaciona con el poco desarrollo de servicios de apoyo al cuidado, los que, como tendencia, son escasos por lo que puede ser difícil para las mujeres traspasar esta responsabilidad a otros para incorporarse al trabajo remunerado (LEÓN, 2013, p. 140).

Não obstante a teoria feminista, há tempos, já venha apontando para a necessidade de romper com o binário produção/reprodução, efetivamente todo o trabalho de cuidado dispendido pelas mulheres segue invisível enquanto trabalho computável para o desenvolvimento e crescimento de um país. No contexto cubano, em que as condições de reprodução da vida se impõem de forma adversa, em muitas situações se ignora que:

[...] se hace lo imposible para compensar lo que ya no alcanzamos con el salario y lo que el Estado deja de proporcionar, así como para poner las condiciones necesarias para que la gente pueda entrar y salir, con salud física y emocional, a un mercado laboral donde cada vez se exige más a lxs trabajadorxs que se asemejen a ese modelo imposible de sujeto absolutamente atomizado que no tiene ni necesidades de cuidados propias ni responsabilidad alguna sobre los cuidados ajenos, sino plena disponibilidad para la empresa. (LEÓN, 2014, p. 132 apud PÉREZ)

Este trabalho de fazer o impossível, que é um trabalho eminentemente feminino e como tal segue naturalizado e essencializado, empurra as mulheres a formas bastante precárias de geração de renda. Ao não conseguir a licença, as mulheres se veem obrigadas a trabalhar para alguém que a tenha, como uma forma de trabalho terceirizado e ainda mais vulnerável. O caso das mulheres de Gibara é exemplar nesse sentido. Sem a licença que permite a comercialização em Havana, precisam vender a um intermediador que é a pessoa que efetivamente lucra com as vendas.

Além disso, para emitir a licença adequada, Odanis precisaria comprometer-se a pagar um salário fixo a cada uma das mulheres, o que na prática significa que passariam a receber menos do que recebem hoje por produção. Em médio e longo prazo, a vulnerabilidade desse tipo de trabalho é ainda mais perversa: sem qualquer tipo de

existência jurídica ou formal essas mulheres não recolhem os impostos previdenciários, portanto nunca conseguirão se aposentar.

No contexto da economia cubana, há um descompasso entre a formação das mulheres e o aproveitamento de sua força produtiva. Ainda que durante o ano de 2010 as mulheres representassem 51,5% dos mestrados e 32,5% dos doutorados em andamento (GONZALES, 2013), essa capacitação não se revertia na participação em postos de direção ou nos setores econômicos de maior produtividade. Como em outros modelos econômicos, no processo produtivo, as mulheres participam dos elos onde se agrega menos valor (LÉON, 2014).

As mulheres estão alocadas em setores da economia de menor salário médio acrescido ao fato de que as trabalhadoras do setor estatal recebem entre 80 e 85% dos salários que recebem os homens. Para Fernández:

Las causas fundamentales de que la mujer reciba menos ingresos se encuentra en pérdida de horas de trabajo por el cuidado de los hijos o padres (en general de la familia), embarazo, enfermedad, entre otras; pero donde las causas fundamentales son las dos señaladas al principio, la primera de las cuales entra a formar parte del acervo cultural estereotipado de los roles que se mantienen hasta nuestros días. (2013, p. 123)

Soma-se a isso a ausência de serviços de apoio principalmente nas áreas rurais:

El poco desarrollo de servicios de apoyo en las zonas rurales para el cuidado de niños, ancianos y discapacitados, contribuye en el ámbito familiar a su rol de cuidadoras. Además, las pocas facilidades para otros servicios hacen que en la mujer recaigan las actividades domésticas de las que se beneficia toda la familia. (GONZÁLEZ, 2013, p. 66)

Na casa de Odanis, trabalham diariamente na produção 4 ou 5 mulheres. Outras trabalham em suas casas, todas recebendo conforme o que produzem. A licença que Odanis possui não permite a contratação de mão de obra, o que coloca todas elas na ilegalidade. Ainda que trabalhar desta forma resulte em maiores ingressos e flexibilidade de horários para atender suas casas e famílias, essas mulheres não recolhem impostos previdenciários tampouco conseguem fazer algum tipo de poupança.

Por diversos motivos, en su mayoría vinculados a instituciones informales como la tradición y la cultura, aún son las mujeres quienes llevan la responsabilidad del cuidado del hogar, los hijos y los ancianos. Lo que objetivamente hace que suelen presentar menores horas de trabajo que los hombres, tiendan a rechazar cargos e ocupaciones de mayor responsabilidad y por donde, perciban menores ingresos a lo largo de la vida. (PÉREZ, 2013, p. 52)

Há, portanto, nesse contexto, um conjunto de estratégias a serem acionadas não apenas na combinação do emprego estatal, em função de algumas garantias oferecidas, com outras fontes de ingresso: artesanato, confecções, processamento e venda de alimentos. Mas também estratégias de ação individual e comunitária frente ao contexto econômico e cultural no qual estão inseridas, sobretudo as mulheres que vivem nas zonas rurais.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que apontar os limites do modelo econômico cubano, pretendemos chamar a atenção para as condições de vida e trabalho das mulheres que, independente do “modo de produção”, seguem ocupando as posições mais vulnerabilizadas quando se trata da reprodução da vida.

O trabalho informal, logo sem direito aos benefícios da previdência social como a aposentaria, ocupações de baixo valor agregado e a dependência de redes de apoio e/ou comercialização podem facilmente ser encontradas em outros contextos, assim como os processos de subjetivação que marcam o corpo das mulheres. Sinais eloquentes disso são enfermidades como a depressão, a pobreza e o estreitamento dos horizontes possíveis cujo limite último é o suicídio, que vitimou 4 pessoas de uma pequena comunidade rural no intervalo de um ano.

Do ponto de vista prático-teórico, Brasil e Cuba possuem pontos comuns quanto a visões de mundo binárias que informam as maneiras de se portar diante do real e de representá-lo. Em ambos os contextos, “cuidado” segue sendo “não trabalho”, assim como o trabalho doméstico segue considerado meramente reprodutivo. Deparamos-nos com desafio de forjar novos instrumentos analíticos, empíricos e teóricos, que sejam capazes de superar os binarismos que há tempos têm informado não apenas o fazer científico, mas também práticas sociais. Os pares natureza e cultura, produção e reprodução são a expressão conceitual da relação reiterada entre o real e suas representações.

Quando tratamos de investigar mais detidamente as relações de trabalho e sua imbricação com gênero é possível apreender de práticas sociais diversas algumas recorrências importantes, entre elas a hierarquização e conseqüente desvalorização do trabalho reprodutivo frente ao trabalho considerado produtivo. Mesmo quando se trata de uma mulher falando sobre outras: “são mulheres que não trabalham, então as reunimos para que aprendam a costurar, bordar... e tenham algum dinheiro, são donas de casa”, relata uma das entrevistadas, apresentando um grupo de mulheres que vive da produção artesanal.

Esta concepção reiterada desde as relações entre indivíduos até as abordagens macro sociológicas e econômicas, que não consideram este trabalho para os cálculos de produto interno bruto, por exemplo, tem impactos profundos não apenas na subjetividade destas mulheres que encontram grandes dificuldades em se reconhecerem enquanto agentes sociais, mas também no aumento do abismo que separa homens e mulheres no que diz respeito à cidadania. Às “amas de casa” que possuem jornadas de trabalho extensas, eufemismo para trabalho em tempo integral com descanso apenas para dormir, não se concedem direitos como férias, seguro desemprego, direito a aposentadoria.

O modo como se distribuem direitos e reconhecimentos demanda que ultrapassemos a equivocada noção de que é suficiente ter no mesmo espaço mulheres e homens sem problematizar o lugar e os conteúdos da fala. Longe de garantir espaço às mulheres, a lógica que alimenta essas práticas sedimenta ainda mais o silenciamento histórico a que estão submetidas as mulheres.

Atividades manuais como o crochê e o bordado tão presentes no cotidiano das entrevistadas são trabalho, geram renda e têm gerado sustento para muitas famílias. Contudo, estas formas de trabalho como vimos a partir das pesquisas empíricas estão convertidos em formas de trabalho degradado. Nesta forma de trabalho vulnerável, as mulheres além de estarem fora dos sistemas de proteção social institucionalizados, têm sequestrado seu tempo livre, tempo de descanso, de qualificação etc. Os ingressos estão determinados pela produtividade e a ilusão de que cada uma pode fazer seu horário diluído e torna invisível todo tempo convertido em trabalho, seja com “el tejido” ou com o cuidado.

Os arranjos necessários se confundem facilmente com a precarização. Assim como há uma linha tênue entre as redes de apoio e redes de exploração formadas pelos atravessadores. Quem compra para revender geralmente é também quem fornece

matéria prima, impondo às mulheres um ciclo de produção e comercialização do qual é bastante difícil sair. Buscar outros fornecedores ou compradores implicaria em romper com alguém que “estendeu a mão” oferecendo trabalho.

REFERÊNCIAS

FERNÁNDEZ, Ileana D. ¿El plan de acción nacional de contempla en los Lineamientos de la Política Económica y Social? In: VILLANUEVA, O. E; PÉREZ, R. T. (comp). **Miradas a la economía cubana: entre la eficiencia económica y la equidade social.** La Habana: Editorial Caminos, 2013, p. 117-128.

GONZÁLES, Armando Nova. Continuidade de los cambios en la Agricultura. In: VILLANUEVA, O. E; PÉREZ, R. T. (comp). **Miradas a la economía cubana: entre la eficiencia económica y la equidade social.** La Habana: Editorial Caminos, 2013, p. 57-67.

HARNECKER, Camila P. Empresas no estatales en la economía cubana: construyendo el socialismo? **Revista Temas.** Havana: Nueva Época, n. 67, julio-septiembre. 2011, p. 68-77.

LEÓN, Daniel Vela de. **Incubadoras de emprendimientos sociales y desarrollo local.** Propuesta de alternativa para promover el empoderamiento sócio-económico de las mujeres em el consejo popular Edecio Pérez. 2014. Tesis (Especialista en Desarrollo Local). Facultad de Ciencias Económicas y Administración, Universidad de Holguín, Holguín, 2014.

LEÓN, Dayma Echevarria. Processos de reajuste em Cuba y su impacto em el empleo femenino: entre dos siglos y repetidas desigualdades. In: VILLANUEVA, O. E; PÉREZ, R. T. (comp). **Miradas a la economía cubana: entre la eficiencia económica y la equidade social.** La Habana: Editorial Caminos, 2013, p. 129-145.

MORENO, Lilia N. Más allá del cuentapropismo. **Revista Temas.** La Havana, n. 11, p. 41-50, julio/septiembre 1997.

PÉREZ, Ricardo Torres. Algunas contradicciones del desarrollo económico cubano contemporáneo. VILLANUEVA, O. E; PÉREZ, R. T. (comp). **Miradas a la economía cubana: entre la eficiencia económica y la equidade social.** La Habana: Editorial Caminos, 2013, p. 29-40.

VILLANUEVA, O. E. P. Análisis de la evolución reciente de la economía cubana. In: VILLANUEVA, O. E; PÉREZ, R. T. (comp). **Miradas a la economía cubana: entre la eficiencia económica y la equidade social.** La Habana: Editorial Caminos, 2013, p. 15-27.

WONG, Ángel B. et al. Cooperativismo: una fortaleza dentro de la actualización del modelo económico cubano. In: **Cuba investigación económica.** La Habana, Año 16, n. 1 y 2, p. 37-59, enero/diciembre 2010.